

histórias à flor da pele



contos
Me Morte

Me Morte Apresenta:

Histórias à flor da pele

PRIMEIRA EDIÇÃO - 2007

Todos os direitos reservados a Me Morte

Foto da capa: Karina Bertoncini

Produção: Leandro de Almeida (doctortiba@gmail.com)

Giovani Iemini

Contos em parceria:

Levando Vantagem • Mão Branca e Me Morte
Mãos Limpas • Mão Branca e Me Morte

O Gato Persa • Afonso de Lizarra, Alessandra Bertazzo, Eduardo Borges e Me Morte.

O Baile de Máscaras • Alessandra Bertazzo, Sacerdote, Eduardo Borges e Me Morte.

histórias à flor da pele

- Monalisa
- Profissão Esperteza
- Círculo vicioso
- Levando Vantagem
- O gato persa
- O Baile de Máscaras
- Mãos limpas
- Tara
- Uma Bela e Tenra Espiga de Milho Cozida

contos
Me Morte



Histórias à flor da pele

Introdução

Giovani Iemini

Mandei um scrap para a Me: – relaxa, tô no meio da sua introdução.

Voltei ao bar e “pan”! já estava lá um conto chamado Introdução, de Me Morte. Iniciava com meu recado. Ela achou puro sexo, fantasiou que eu a introduzia um membro avantajado no ânus. Escreveu uma história curta cheia de graça e tesão. Uma ótima história, bem trabalhada, sem perder a espontaneidade tão característica.

Me é pura ansiedade! Completamente libidinosa. Une a docilidade de uma pessoa agradável aos sonhos ocultos de uma mulher ardente, sem pudores nem ética hipócrita. Ela não se rende à visão alheia de desejo carnal nem de “aceitável” em relação às relações. Me é original.

Sem regra nem forma definidas, trata seus textos como uma bela transada: inicia pela atração, seduz, parte para o toque suave, mas logo te agarra as nádegas e sussurra alguma sacanagem nos ouvidos. “Totoso” costuma comentar. Não faz literatura pela arte, faz pelo tesão. Acredita nas letras como forma de modificar as coisas. Ao menos em sua vida já conseguiu evoluir tanto na literatura quanto no controle de suas explosões hormonais. São tantos, esses hormônios, que a Me afeta todos ao redor. É assunto por onde passa. Se corresponde com escritores, participa das conversas, comunga opiniões, agride os adversários junto à sua turba, desculpa-se quando erra ou ironiza se acerta. Está sempre organizando alguma coisa ou divulgando algo. Escreve em parceria com incontáveis autores, é a musa de uma infinidade de poetas e escrevinhadores. Me, na verdade, não faz: acontece!

Para ela, uma espiga de milho tem é que estar na vagina. Antes e depois de ser comida. Ela é a espiga. Mas não é pornográfica; é suave! Está sempre tão intensa nas poesias e contos que durante os momentos de calma se percebe uma escritora sonhadora e tremendamente fiel na amizade. Me é um buldogue se está ao seu lado. E um carcaju se está contra.

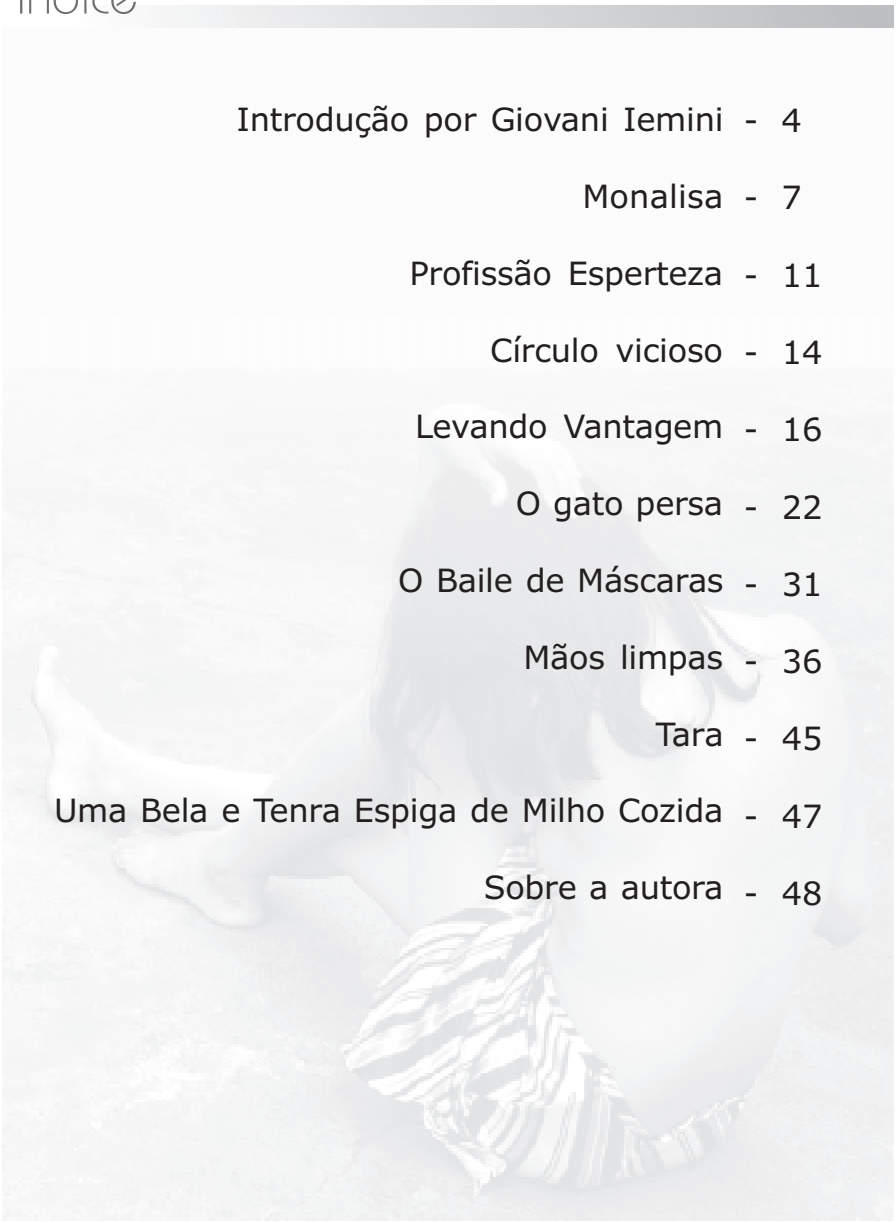
Sua característica mais marcante, para mim, é a criatividade. Alguns gritam que Me é uma erótica incorrigível. Eu a acho interessante. Se sexo é o maior interesse humano, Me é erótica, libidinosa, tesuda. Se a atenção muda para outra coisa, ela não tem o mínimo medo de conhecer e provar. Tenta participar mesmo que sofra com o aprendizado. Me é empolgada!

Nunca a vi. Nem sei o tom de sua voz. Mas a conheço. Bem. Leio suas coisas, vejo suas opiniões. Que melhor maneira de conhecer alguém que saber o que pensa? Me pensa em fazer as coisas funcionarem, quer ajudar todo mundo, luta para melhorar a sociedade. Ajuda na busca de pessoas desaparecidas, é atuante no reconhecimento de pedófilos. Curiosamente, e agradável de saber, ela não aceita nenhuma espécie de violência sexual presumida, nem de distorções bizarras de prazer. É sexy, não vagabunda.

O choque causado por seus textos na verdade não é por conta dos assuntos (sexo, sexo e sexo também), nem pelo linguajar coloquial (que alguns achariam "inapropriado"), mas sim pela liberdade e simplicidade que trata as coisas da alcova. Falar sobre desejos e segredos da libido são coisa normal para Me como se fosse a conversa do café da manhã num convento. Ela não se envergonha das saudáveis taras que transformam a reprodução no objetivo principal da raça.

Disso também, raça, ela entende. Diz-se uma cadela de raça! Que melhor conceito para exemplificar uma escritora sem amarras sociais e com muito tesão e originalidade?

Índice



Introdução por Giovani Iemini	- 4
Monalisa	- 7
Profissão Esperteza	- 11
Círculo vicioso	- 14
Levando Vantagem	- 16
O gato persa	- 22
O Baile de Máscaras	- 31
Mãos limpas	- 36
Tara	- 45
Uma Bela e Tenra Espiga de Milho Cozida	- 47
Sobre a autora	- 48



Rita tinha dois empregos, zeladora da universidade e diarista. Tudo para manter Manuela, sua filha, no curso de arquitetura. Mona era assim que a chamava, pois tinha o mesmo sorriso enigmático da Monalisa de Da Vinci.

Estava fazendo uma prova para bolsa de estudos.

– Ei ...Psiu, Mona... – Era Júlio, seu velho amigo de infância pedindo cola.

– A 2ª, por favor... – Mona ergueu a saia e mostrou um pedaço de papel colado à calcinha de renda. Julio ficou tenso, ela sempre o provocava, mas aquele não era o melhor momento.

– Pegue! – A moça o olhou com malícia. Júlio estendeu a mão e tocou no papel, trêmulo. Mona deslizou na cadeira fazendo-o tocar no fundo úmido e fino da malha de algodão. Puxou a mão do garoto e o fez gemer. O papel que havia sido arrancado caiu ao chão. Mona fez menção de pegá-lo quando...

– Deixe que eu pego. – Era o professor que assistira tudo. Pronto, estava ferrada. Que burrice. Sempre agia assim, sem pensar. Mas agora... Não! Era o fim. Sua mãe ia ter um enfarte de desgosto.

– Eu não ia colar professor. Era uma brincadeira. – Cala a boca! Dê-me essa prova!

– Por favor,...

– Já disse me dê essa prova!

Tomou com força e começou um longo discurso:

– Cansei de ser bonzinho com você, garotinha mimada.

Só está aqui por causa de sua mãe, sempre trabalhando feito uma louca enquanto você faz das suas. Bebedeiras, desacatos, sempre revoltada com o mundo.

– Por favor, professor, eu não ia colar. Uma chance, por favor...

– Uma? E todas que já dei?

– Dessa vez sou inocente. Não pretendia colar. Era uma brincadeira...

– Dê-me a prova e saia da sala. Já!

A moça entregou a prova e levantou-se.

O professor coçou a cabeça. Talvez tivesse exagerado. E se fosse só uma brincadeira mesmo? Não podia levar tudo a ferro e fogo. De qualquer maneira, ela merecia um susto. Respirou fundo e disse:

– Espera...

– Como? Mona estava sem entender.

– 24 horas... Você não adora brincar com outros? Não vive tentando ser o centro das atenções? Pois agora vai ter sua chance. Tem 24 horas para me surpreender. Vale a sua prova. Mas vou adiantando, nada mais que você faça me surpreende, esgotou todas as possibilidades.

– Não to entendendo...

– Dane-se! Choque! Faça-me ficar boquiaberto. Se jogue do décimo andar, morra, mas choque! Quero ver até onde vai sua criatividade. Disse isso e foi até a porta.

– Agora saia! Fora!

Na rua ainda ouvia os risos dos colegas:

– Fodida! ESTÁ FODIDA!

Entrou no ônibus e foi para casa.

O que fazer? Já tinha entrado na sala do diretor e feito um “strip-tease” em cima da mesa, o que lhe rendeu 10 dias de suspensão; peidara dentro do elevador cheio de gente; já se despira durante o sermão da igreja, o que lhe rendeu uma surra. Sem saber o que fazer chegou ao portão da fazenda onde morava com a mãe. Os donos só vinham aos finais de semana. Sua mãe cuidava da manutenção da casa e dos animais. Ganhava um extra que ajudava nas despesas. Olhou para o galinheiro e foi até a cerca.

– Olá galinhada!

Sentia-se uma idiota. Qualquer galinha ali merecia mais respeito que ela. Olhou pela primeira vez para uma delas, majestosa, com suas penas amarelas.

– Olá. Está quentinha aí?

Tinha oito ovos e a galinha parecia querer proteger suas crias. Era um verme mesmo! Até aquela galinha fazia tudo por seus filhos. A mãe, coitada, teria uma síncope quando soubesse que perdeu a prova. Pegou um dos ovos e agasalhou junto ao corpo. Sentia necessidade de ser útil.

No dia seguinte, o professor entrava na universidade quando o zelador veio ao seu encontro.

– Doutor... Não foi culpa minha!

– Do que está falando?

– A moça... Apontou para a sala de aula que estava aberta.

– Que moça? O que houve? – Um frio na barriga, ele correu em direção a porta. Mona estava deitada ao chão enrolada

num cobertor. Quando viu o professor sentou e disse:

– Bom Dia.

– Que faz aí? Dormiu aqui?

Mona ergueu as mãos e mostrou o pinto que acabara de nascer. O chão ainda tinha as cascas finas do ovo.

– Meu Deus! – Ele estava impressionado.

– Você... Chocou?

Mona deu o seu famoso sorriso enigmático como resposta.

fim



Profissão Esperteza

contos
Me Morte



(Releitura de um conto de domínio popular “Sabedoria Antiga”)

Os seios mais lindos que eu já vi! Dois melões suculentos! Tenho que abocanhá-los. É uma necessidade quase mortal. Nada mais importa. Preciso sentir o gosto! São enormes! Belos!

- Calma Rui. Verei o que posso fazer. Mas vai custar caro. Uns mil dólares.
- Pago o que for preciso.
- Ok. Eu volto a dar notícias.

Esperto e ardiloso, lá foi Roberto Tavares, advogado trambiqueiro, até a fazenda de Dona Cida, a dona dos famosos seios. Seu marido era o fazendeiro mais abastado da região, Ananias Barroso, de tradicional família de plantadores de batatas.

-Roberto! Que bons ventos o trazem? Entre!

Eram amigos de longa data, quase parentes.

Ficou hospedado alguns dias e na véspera de sua partida, pôs o plano em prática. Entrou sorrateiro no quarto da mulher e colocou pó de mico no soutien que estava pendurado na porta do armário. No dia seguinte Seu Ananias acordou desesperado.

- Nunca vi doença assim. - Ela coça os peitos desesperada, já estão em carne viva.
- Isso é Hepatite Varicelática de pele.

– Isso é grave?

– Não, se achar o remédio certo: Saliva de homem de meia idade virgem.

– Virgem? Minha Nossa Senhora! Valha-me Nosso Senhor!

– Calma. Eu conheço alguém assim.

– Conhece? Eu pago o que for preciso. Dinheiro não é problema.

E lá foi Roberto em busca do amigo. De volta e com tudo planejado, entraram na porteira da fazenda.

– Eis o amigo de que lhe falei, Rui Santos.

– Minha mulher tá lá no quarto. Vou mandar buscar um copo para colher a saliva.

– Não! Tem que ter contato com a língua.

– O que?

– Não se preocupe. Cochichou em seu ouvido: Ele é viado.

– Coitado! Imagino o sacrifício que fará. Pago em dobro.

Rui entrou no quarto e teve a visão mais linda de toda sua vida: Dona Cida deitada, nua, coçando os seios.

– Com licença Dona. Preciso iniciar o tratamento.

Caiu de boca. Primeiro no direito, depois o esquerdo. Lambeu, chupou, abocanhou, mamou nos peitões, até se fartar. Foram duas horas de muito lambe-lambe. Já estava com as calças cheias de esperma. Ia saindo quando a mulher disse:

– Doutor... Tem uma coceirinha aqui ainda. – Apontou para a vagina.

Não deu noutra. Lambeu, lambeu... E quando sentiu

que a mulher ia gozar, penetrou-a com seu mastro e se deliciou.

Antes de sair disse:

– Não se preocupe. As particularidades do tratamento serão um segredo só nosso. – Piscou e saiu. Depois disso não quis mais contato com o amigo advogado.

– Mil dólares... Jamais! Trambiqueiro! O serviço fui eu que fiz, ora.

Não atendia os telefonemas, não respondia os recados, nada.

Duas semanas mais tarde acordou no meio da noite, assustado. Três brutamontes invadiram sua casa, armados de rifles.

– O Sr. Ananias quer vê-lo.

– O que aconteceu? Dona Cida teve uma recaída?

– Venha conosco. E lá foi, rumo à fazenda.

– Que bom. Eu já estava com saudades daqueles peitões.

Pensou com seus botões. Chegando à casa, foram logo entrando. Dona Cida os recebeu.

– Venha. Rápido. Foram para o quarto. Lá, deitado na cama, nu, coçando os testículos já vermelhos e inchados, o Senhor Ananias.

– Lambe logo moço... Isso dói pra caramba!

Os rifles apontados para sua cabeça e do outro lado da cama, Roberto, com um sorriso nos lábios...

Fim

Círculo Vicioso

contos
Me Morte



Flávio tinha dezoito anos de idade e estava numa reunião da seita dos Meninos do Demo de Tatuapé. Tinha acabado de vender a alma ao tihoso que apareceu em meio ao transe e anunciou:

– Serás rico e terás a mulher que desejar, bastando estalar os dedos. Mas preste atenção: um dia venho cobrar.

Vinte e dois anos se passaram. Era dia 23 de março de 2007. Tinha quarenta anos e era compulsivo por sexo, não resistia a uma boceta. Acordou com o barulho do despertador. Seis horas. Trabalhou e no final do dia se preparou para um encontro em seu apartamento. Contratara uma puta. Estava cansado das mulheres certinhas, queria depravação. A campainha tocou. Era uma loura estonteante com um par de seios que saltava da blusa.

– Olá...! – Ele saltou de boca no decote da moça e não viu mais nada. Literalmente. Acordou no dia seguinte com o ânus dolorido. Tentou lembrar do ocorrido, mas não deu. A última coisa que tinha na mente eram os seios em sua boca gulosa. Olhou o relógio: 6 horas. – Mas por que o relógio despertou? Era sábado. Ligou para informações e levou um choque: Ainda era sexta-feira! Tinha algo errado.

O trabalho se repetiu e a noite também. Dez dias se passaram, todos iguais. Seu ânus já estava em carne viva. No décimo primeiro dia ele acordou mais tarde, o relógio não despertou.

– Será? – Correu para o telefone.

- Alô. Informações?
- Sim. Em que posso ajudá-lo?
- Por favor: que dia é hoje?
- Sábado senhor. Dia 24 de março. – Ele deu um grito de satisfação. Correu ao banheiro para se lavar. O telefone tocou novamente.
- Alô.
- Flávio?
- Eu mesmo. Quem fala?
- Lembra de mim? – O quarto se encheu de um aroma de enxofre.
- Eu disse que viria receber um dia.
- Ai...
- Calma. O inferno está lotado. Você deu sorte. Não posso mais levar almas até o ano que vem quando teremos uma reforma por lá.
- Mas andou por aqui esses dias...
- Sim. Eu cobro as dívidas assim. Uma enrabada e deixo a vítima em paz.
- Uma? Foram dez... Suponho. Estou todo deflorado.
- Eu tenho culpa se teu rabo vicia xará?

Fim





(Mão Branca e Me Morte)

Ricardo era um cara descolado, 27 anos, gerente de empresa, carro do ano. Nasceu com a bunda virada pra lua, tudo dava certo. Talvez por isso fosse tão safado, queria sempre levar vantagem, principalmente se tivesse na jogada algum rabo-de-saia. Depois de um exaustivo dia de trabalho, dirigia seu possante carro para fora da garagem quando bateu em alguma coisa, estava distraído. Assustou-se ao perceber que era uma mulher. E uma mulher linda!

– Você está bem? – Logo uma pequena multidão cercou o acidente.

– O que aconteceu?... – Ela apalpou a cabeça, alisando os longos cabelos castanhos. Ricardo ficou hipnotizado. Os olhos verdes brilhavam lacrimejantes sobre o pequeno nariz reto. A boca, carnuda, tremia no ritmo dos soluços sentidos.

– Você caiu na frente do meu carro. – Apressou-se em responder Ricardo, antevendo qualquer problema.

– Caí? – Ela parecia desorientada, olhava as pessoas ao redor sem focar seus rostos.

– Não se lembra? – Ricardo notou a confusão da mulher. Segurou-a pelos ombros e aproveitou para apreciar seu perfume. Excitou-se ao imaginá-la nua e lânguida.

– Estou confusa. – Fechou os olhos. – Não sei como vim parar aqui... – A mente perversa de Ricardo acendeu num clique.

– Amnésia? Não sei... Nem lembro meu nome.

Arrumou o vestido, tentando se recompor. Ele conferiu avidamente os empinados e cheios seios que desafiavam a gravidade sem a proteção do sutiã. Escorreu os olhos pelas costas lisas até o bumbum redondo e atraente. Estava completamente enfeitado pela sensualidade moleca da moça.

– Querida – Abriu um sorriso político.

– Vamos para casa.

– Casa? – Fez um doce biquinho.

– Você me conhece?

– Não reconhece seu ursão? – Acariciou o pescoço a garota, para acalmá-la, e a beijou na testa. Antes que ela pudesse negar, a enfiou dentro do carro e correu para casa. Queria, a qualquer custo, comer aquela garota. Se pudesse usar um subterfúgio para alcançar mais rapidamente seu objetivo, tanto melhor. Seria, pensou, até muito interessante transar com a desmemoriada. Uma espécie de estupro consentido.

– Posso tomar um banho? – Ela pediu assim que chegou ao bagunçado apartamento de Ricardo.

– Claro, a casa é sua. – Tirou a roupa e a jogou no chão. Ficou nu para mostrar que tinham intimidade. Desabotoou o vestido da moça.

– Eu faço isso... – Ela tentou impedi-lo, parecia receosa.

– Não, querida, eu sempre a dispo, é o nosso pacto. – Ela franziu o cenho.

– Sim, eu tiro sua roupa, – Desabotoava o vestido enquanto falava. Logo ela estava apenas de calcinha. Ricardo quase gemeu de prazer ao ver as marcas de biquíni no corpo

perfeito. – e você chupa meu pau.

O membro estava rijo como aço. Ele tentou puxar a cabeça da mulher, mas ela enrijeceu o pescoço. “Estou indo muito rápido”, pensou, e decidiu fazer algo por ela.

– Venha. – Puxou-a pela mão até o sofá. Sentou-a e foi postar-se ao seus pés. Gentilmente abriu as torneadas pernas da garota. Apreciou por alguns instantes a vagina rósea, pequena, cheirosa. Acariciou a virilha e a beijou levemente. Escutou um gemido, percebeu que ela começou a entrar no clima. Com a língua úmida, passou superficialmente a ponta sobre os lábios abertos, convidativos. Ela, agora, suspirou. Era sua. Abocanhou a boceta avidamente, como se chupasse uma laranja. A língua percorreu todas as curvas, entrou fundo e voltou para o clitóris, balançando-se lateralmente e bem rápido. Trabalhou naquela xoxota com afinco, ao mesmo tempo em que enfiava vagarosamente um dedo, depois outro. A garota esqueceu que não se lembrava de nada e gemeu prazerosamente. Ricardo sabia o que fazia. Ela gozou. Revirou os olhos e apertou a cabeça do rapaz em seu ventre. Estava arfante. Ele sentou-se no sofá.

– Vem, amor, ajoelhe aqui. Agora é sua vez de fazer um boquetinho no seu ursão. Ela parecia em dúvida, como se nunca tivesse chupado antes.

– Calma. Você gosta! É o que te dá mais prazer.

Ela começou timidamente, lambendo a base do membro, foi subindo a língua enquanto a mão acariciava as bolas, habilmente, e parou a boca em cima, na cabecinha, como se fosse recuar. - Vai, amor... – Pediu Ricardo, meio sonso de desejo. Ela abocanhou tudo, prendeu na garganta e voltou a beijar a cabeça. Enquanto seus lábios faziam pressão, a língua brincava com a glândula inchada. Ajoelhada

nas pernas do rapaz, descansava os peitos sobre o saco enquanto punheta o pau. Ela chupou e bateu cabeça até Ricardo não mais se controlar. - Vou explodir! – ele pensou que ela fosse se afastar, porém a garota segurou firme o pau e mirou à glândula para a boca com avidez. O primeiro jorro foi engolido direto da cabeça, os seguintes em mamadas pausadas. Ricardo achou que fosse desmaiar virar do avesso, ou no mínimo secar até o osso. A garota puxava e mamava as últimas gotas com ternura, passando a pontinha da língua ao redor da cabeça, com um sorriso meigo e tremendamente excitante. Ficou satisfeito, mas não completamente. - Vem, amor, vamos para o chuveiro.

Ele a lavou como uma criança. Limpou os dedinhos dos pés, passou sabonete pelas pernas longas, lavou a bundinha cheia e durinha, acariciou o ânus e o lavou, até por dentro. Foram para a cama, ele a virou de costas e sussurrou em seu ouvido:

- Quero por trás.

- Como? Fazemos isso também?

- Sim, querida, você costuma delirar! – Pegou a vaselina e esfregou na cabeça do pau. - Calma, não fique tensa. - Tentou enfiar seu membro rijo. Estava difícil. Conhecia o corpo feminino e aquele nunca havia experimentado sexo anal. Sua excitação cresceu. - Quietinha... – De supetão penetrou até o talo.

- Ai!

Ela tentou sair da posição. – Calma... – Ricardo a segurou pelas ancas e iniciou um movimento ritmado. A moça gemia de dor.

- Está doendo!

- Deixa-me ver... – Puxou-se para fora e viu um filete de

sangue escorrendo pela bunda da moça. No seu pau também notou pequenas lacerações. – Calma tudo está bem. – Não se importava com a moça, queria apenas satisfazer seu desejo. Penetrou-a novamente e continuou com os movimentos. Ela gemia, a dor era intensa, não havia espaço para prazer. Excitadíssimo por desvirginar aquele ânus, logo gozou e caiu no sono. Dormiu engatado na mulher, como se fossem velhos amantes. Na manhã seguinte, Ricardo acordou com a claridade. Percebeu a moça soluçando e olhando pela janela.

– O que houve querida?

Ela não respondeu. Apenas abraçou o próprio corpo com os braços e aumentou o pranto.

– Lembrou de tudo, não foi? – A voz de Ricardo era metálica.

– Olha querida, não precisa chorar. Foi bom, não foi? Você gozou feito uma porca no cio... Hehehe. – Saiu da cama ainda nu e coçou o saco. – Aposto que nunca tinha feito sexo assim... Os soluços ficaram mais altos. – Ora, mulher, somos adultos! – Sua voz demonstrava impaciência. – Sei que você gostou, afinal, rebolou como uma puta. A mulher se controlou, acalmando-se. Ele novamente perguntou:

– Lembrou de tudo?

– Sim.

– Foi bom, não é?

– Sim, foi bom...

– Então? – Usou seu sorriso mais safado ao abraçá-la. Ela se desvencilhou.

– Lembrei por que me joguei na frente do seu carro.

– Se jogou?

- Eu queria morrer! – Os soluços voltaram.
- Morrer? – Ele tentou abraçá-la mais uma vez. Pensou numa rapidinha durante a manhã.
- Oras, que motivo uma gata como você teria para se matar? Ela engoliu em seco e finalmente disse:
- Eu havia acabado de pegar o resultado do exame... Sou soro-positivo.

Fim



O Gato Persa

contos
Me Morte



(Afonso de Lizarra, Alessandra Bertazzo,
Eduardo Borges e Me Morte.)

Meu irmão tem o coração grande, mas muito pouco tato. Cismou de implicar com meu gato persa. Coisa de veado, disse. Se eu não me livrasse daquele gato persa, nunca mais arrumaria outra namorada. Todo mundo na vizinhança falava de mim, eu um sujeito de trinta anos que nunca levava nenhuma mulher para casa e que passeava no fim da tarde com um gato persa no colo. Meu gato era tão branquinho, educado, sim senhor. Nunca me deu trabalho com o uso da caixa de areia. Comia sempre às horas marcadas. Não era desses gatos que roubam ração. Manhoso, grandes olhos azuis, vivia ronronando pelos cantos, implorando por um afago. É bem verdade que, vez ou outra, tomava ares de menoscabo, e ficava com olhos esnobes de felino nobre. Um obeso e felpudo gato branco. Desde que minha namorada me deixara, e deixara o gato, antes, dela, pois tinham os olhos da mesma cor, e agora tão meu, já que me lembrava tanto a cor dos olhos dela, que eu não saíra mais para paquerar. Estava meio com medo, e tinha até me mudado para vizinhança nova, fugindo da fama de homem abandonado. Agora nas nada escolhidas palavras do meu irmão eu descobria que na nova vizinhança eu tinha fama pior que na antiga. Culpava meu gato. Já era hora de seguir minha vida, bem sabia. Pensei em anunciar no jornal minha condição de solteiro. Talvez fosse a coisa mais racional a se fazer. Sabendo disso meu irmão

quase me esmurrou. Disse que eu era um desastre e me levou para um bar de solteiros para paquerar. Não sabia mais como fazer estas coisas, mas sei que se deve na conversa com as mulheres, procurar pontos de empatia. Vi uma morena linda, sentada sozinha. Engoli meu uísque, melhorei a postura, respirei fundo, caminhei decidido, sabendo que meu irmão via tudo a certa distância. Perguntei a ela se a outra cadeira estava vazia. Ela me mandou sentar. Falar de quê? Pânico. Nada me veio à cabeça, a não ser:

– Eu tenho um gato persa e...

– Um bichano? Jura? Eu tenho uma gata siamesa de três anos que me acompanha em todos os lugares.

– Todos? Onde está ela agora? – A moça abriu a bolsa e dois olhos faiscantes me fitaram imediatamente.

– Céus! Você é maluca! Trazer seu bichinho para um lugar desses...

– Ela é virgem e todo cuidado é pouco. Não quero nenhum gato abusado se aproveitando dela na minha ausência.

– Isso me deu uma idéia... Por que não cruzamos nossos bichanos?

– Ora, deixa disso. Por que eu deixaria seu gato abusar da minha Madona?

– Madona? A puta? Tá aí mais um motivo. Madona não combina com virgem. Tem que mudar o nome da gata.

– Tá maluco cara? Eu a chamo assim desde que nasceu.

– Então... Acha que ela gostaria de perder a virgindade?

– Com certeza !

Depois de alguma relutância, a moça concordou e combinamos o dia para o fatídico descabaçamento da Madona. Dia 4 de julho. Seria dali a dez dias.

– Não dá para ser antes? Perguntei eu já bastante excitado com a idéia, talvez rendesse para mim também.

– Não. Daqui a dez dias. É o tempo de eu preparar a Madona, levá-la no veterinário para ver se está tudo bem. Quero que seja perfeito para ela. Aproveite esse tempo para aconselhar o seu gato, pois se ele for grosso com a Madona, eu o capô.

– Não se preocupe, ele será um cavalheiro. Mas, será na minha casa ou na sua?

– Tem que criar um clima para a Madona. Tem que ser num lugar aconchegante e discreto. Bem se vê que você não entende de alma feminina. Será num motel. Ah, e você paga a conta.

Dois dias antes do combinado eu não sabia mais o que fazer. De tanto pensar naquela gata, quase comecei a enlouquecer. Levei o felino para passear, dei banho com xampu e unguento, e quando disse à veterinária sobre o tal desfloramento, ela piscou e falou sorrindo, que havia um jeito de trepar com a dona da gata fogosa. Eu fiquei desconcertado e não dormi mais tranqüilo até saber da veterinária mais detalhes sobre aquilo. Tinha que agir, segundo o plano, com toda e suprema cautela e quando chegássemos ao motel, devia perguntar para ela, a dona da gatinha virgem, que assim como muita gente, bem podíamos começar tomando um banho bem quente. E beber um pouco de vodka enquanto nossos dois felinos miavam e, é claro, tratavam de assuntos mais libertinos. E pensando nessas coisas lá fui eu para o motel no dia combinado. Estava ansioso. Afinal, não dormi nas duas últimas noites

pensando, planejando, matutando um jeito de me dar bem com a dona da siamesa virgem. Vai, que ela também fosse virgem? Seria um verdadeiro "ménage à trois". Nunca havia passado por uma situação dessas. E não ia ser agora que eu iria desperdiçar.

No dia combinado, enquanto seguia de táxi com meu persa a tiracolo pelas ruas do Rio de Janeiro, me pus a repassar mentalmente todos os detalhes do plano que botei para comer a linda moreninha de olhos verdes, proprietária da siamesa virgem. Combinamos que o encontro seria no motel onde o marido de Suzana Vieira havia promovido um quebra-quebra com uma prostituta, não pelo episódio em si, mas pela promoção do dia, que incluía muitas vantagens adicionais, além do preço convidativo. Será que ela era virgem mesmo? Seu interesse em ir a um motel com um quase desconhecido seria puramente para desvirginar a Madona? – fiquei cogitando distraído, torcendo para que a dona da siamesa tivesse as mesmas segundas, terceiras e quartas intenções que eu. Não via a hora daquilo começar e nem acreditava naquela aventura felina em um motel do Rio de Janeiro em plena segunda-feira à tarde. Mas aquilo tudo podia render uma boa trepada. E essa chance, ah, eu não ia deixar passar em branco. A princípio me senti um pouco encabulado com o olhar interrogativo do motorista do táxi, quando lhe dei o endereço do motel. Provavelmente o homem nunca vira alguém ir ao motel levando um gato e ainda por cima, no sentido real da palavra. Mas isso era problema meu. E ao descer do táxi, senti meu nível de excitação lá nas alturas. Paguei o táxi e coloquei o gato dentro da sacola que levei para escondê-lo. Depois fui até a recepção e me registrei, não sem avisar que estava esperando alguém. Com as chaves na mão fui para o quarto indicado e iniciei os preparativos para o ritual do acasalamento felino. A veterinária me explicou que devia

criar um clima para que os bichinhos se sentissem mais à vontade. Considerei até a idéia de levá-la junto, mas ela recusou a oferta. Como Madona não demoraria a chegar, soltei o bichano pelo quarto e me pus a seguir as instruções da veterinária. Coloquei música ambiente relaxante para descontrair os bichinhos, escureci o quarto, pois segundo ela, os felinos não acasalam em ambientes muito iluminados e levei até umas moitas artificiais para que eles não se sentissem tímidos na frente da gente. Enquanto esperava pela “minha” moreninha dos olhos verdes, abri uma garrafa de vodka para relaxar e eis que não conseguia me lembrar se meu gato já tinha feito sexo antes. Gordo e preguiçoso, ele era só pêlo e apetite. Eu não via nele qualidades que inspirassem um grande amante. Mas, afinal, tratava-se de uma gata siamesa, e isso de exótico sempre me excitou. Não menos excitante era a dona da gata Madona, a gata virgem. A morena de olhos verdes esmeralda de tom decidido era muito atraente. Já lá se iam uns bons seis meses que eu não tinha contato íntimo com ninguém. Liguei para a portaria do motel, pois lembrei que para mulher chocolate é afrodisíaco. Mandei trazer uma caixa do mais caro. Seria um rombo no orçamento, mas não combinam economia e romantismo. Repassei a vista no cenário africano que montei para incentivar as fantasias eróticas dos gatos, torcendo para que meu persa se sentisse o mais potente dos leões. Mesmo suando muito, apertei a gravata e fechei o paletó, mas uma boa figura devia incrementar minha chance de desvirginar a morena. A esta altura eu já acreditava de certeza dogmática na virgindade dela. Sentei junto à janela, olhei no relógio. Faltavam cinco minutos. Acendi um cigarro. Fumei em grandes tragadas. É perdoável a insegurança em quem tem vinte anos, mas não em quem já chegou aos trinta. De repente me veio o pensamento inconveniente e brochante: e se ela não gostasse de

fumantes? Abri as janelas e me pus a sacudir uma toalha de banho nervosamente para dissipar a fumaça. A campainha tocou. Joguei a toalha no banheiro e fui abrir a porta. Ela estava linda e com os olhos mais verdes do que nunca, olhando com certa malícia para mim:

- Olá! Desculpe o atraso, o trânsito estava de matar – disse ela entrando com uma sacola, que depositou no sofá.
- É a Madona?
- Sim. Ela está um pouco nervosa.
- Ora, ora... Vejamos. Abri a sacola e chamei a bichana.
- Venha mocinha, o mundo te espera.

A gata saiu e olhou para os lados. Meu bichano, imponente, deu uma cheirada no rabo da felina e foi para cima da cama.

- Gato esperto o seu! Mas apressadinho, foi logo para a cama – comentou a bela moreninha. Madona parecia estar ansiosa para iniciar o ato, pois correu a se aninhar nos lençóis de linho branco.
- Miau!

Era um gemido longo, profundo e provocante. Madona estava mesmo decidida a perder a virgindade. Mais provocante ainda foi a lambida no bigode do meu persa, que o fez sair em disparada para o meu colo.

- Ei... Espere aí. Você não me disse que ele era virgem também.
- Virgem? Não! Jamais! Ele é o dono do pedaço no meu bairro. Já traçou umas dez bichanas.

Para provar o que dizia, levei o gato para perto de Madona. Mas para meu espanto, o desgraçado grudou as unhas em

minha camisa como se tivesse pavor da fêmea.

– Seu gato é veado? Porra meu! Você trouxe um gato veado para deflorar a Madona?

– Não! Nada disso... Não sabia onde enfiar minha cara de vergonha. Tentei me explicar:

– Ele deve tá doente... Mas veado nunca! – E novamente levei o gato até a cama.

– Miau... O gato simplesmente amarelou e saltou como um raio pela janela.

– Droga! Minha Madona vai ficar traumatizada. Poxa! Eu até estava sentindo certa química por você, afinal se interessou em tornar a vida da minha gatinha mais feliz... Mas, um gato veado? Essa é demais...

–Química? Você falou em química?

– Sim, mas esqueça. Tenho que pensar na Madona agora. Depois, estou decepcionada com você.

– Não! Não diga isso ! Vamos cuidar da Madona. Eu prometo que ela nem vai lembrar do meu gato desgraçado.

– O que pretende fazer? Onde vai arranjar outro gato?

– Tem uma clínica veterinária aqui perto...

– Nada disso. Um estranho... Quem pensa que somos? Temos classe, não saímos com um cara e transamos no primeiro encontro. Depois, como garante que ela não vai pegar nenhuma doença?

Eu estava num beco sem saída. Não podia perder aquela foda, não agora que ela tinha admitido a tal química...

– Eureca! Tenho uma idéia...

Cheguei ao ouvido da moça e sussurrei um plano infalível,

que satisfaria a gregos e a troianos.

- Tem certeza? E se não der certo?
- Vai dar pensamento positivo. Eu garanto!
- Ok. Eu topo.
- Topa?
- Sim, já disse. Topo!
- Sério? E depois...
- Se der certo, amanhã voltamos aqui sem os gatos... Ela me sorriu maliciosamente. Aquilo me excitou.
- Uau! Vamos começar logo. Apague as luzes... Estava eufórico. Conseguiria finalmente comer a linda moreninha.
- Miau... miau...

Transamos horas a fio.

Ela gemia feito uma gata experiente, rodada. Nem parecia virgem! Aquilo me deixou louco. Acho que nunca uma foda foi tão boa. Completamente esgotada, ela caiu para o lado preguiçosamente. A moreninha acendeu a luz:

- Nossa! Como você entende do babado! Nunca vi a Madona com um sorriso tão lindo estampado no rosto. A gata estava estatelada nos lençóis, completamente imóvel, como se estivesse em transe.
- Deu trabalho. Achei que ela não fosse parar de gozar nunca. Acho que teve orgasmos múltiplos. Meu dedo até criou calo.
- Eu fiquei muito orgulhosa de você. Até me arrepiei. E pensar que você fez isso tudo por mim... Achei lindo!
- Lindo? Sua malandrinha. Eu vi sua empolgação. Até esqueci meus pudores quando você decidiu enfiar seus

lindos dedinhos no meu ânus. Olha, você chegou a me esfolar. Mas fiquei firme. Senti até sua saliva, danadinha. Taradinha você, hein, princesa...

– Eu? Pirou cara? Entrei em pânico.

Estava nu, no meio de um quarto de motel, mostrando minha bunda vermelha, arranhada e com o orifício aberto como se tivesse sido deflorado. No outro lado do quarto, ao chão, o gato persa com um brilho de satisfação nos olhos, como se tivesse acabado de comer um rabo. E como lambia os beiços...

Fim



O Baile de Máscaras

contos
Me Morte



(De Alessandra Bertazzo, Eduardo Borges,
Sacerdote e Me Morte).

Mil novecentos e noventa e um. Carnaval inesquecível aquele. Pau a Pique, interior do Paraná. Muito se falava na pequena e simpática cidadezinha próxima ao litoral do estado, famosa por sua cachaça e pela folia de momo nas ruas, oferecida aos turistas. Fiquei curiosa. Sempre gostei dessa festa “pagã”. Juntei um grupo de amigos, todos pagãos como eu e no sábado de carnaval lá estávamos nós descendo a serra cheia de vontade de curtir a festa no interior. Contava-se que além da festa nas ruas, haveria um baile de máscaras no clube local. Era o primeiro baile do tipo realizado na cidade, recém emancipada. Estariam presentes todas as autoridades do município. Ficamos curiosos. Nunca havíamos ido a um baile de máscaras e numa cidade do interior devia ser algo mais curioso ainda. Dois dias antes do baile resolvemos explorar o comércio em busca das fantasias mais inusitadas. Estávamos num grupo de cinco pessoas, três mulheres e dois homens. Percorremos algumas lojas e depois de quatro longas horas de busca, nos encontramos satisfeitos no hotel, cada um com seu figurino debaixo do braço. Combinamos que só nos veríamos fantasiados na hora de sair para a festa. Havíamos apostado os convites do baile. Aquele que estivesse com a fantasia mais bizarra pagaria os ingressos dos outros. Estava ansiosa para ver as fantasias dos meus amigos. Por isso, fui a primeira a me vestir para esperá-los

na recepção. Estava me sentindo a própria Carmem Miranda com aquelas bananas na cabeça. Eu tinha jurado que ia comprar algo bem confortável, mas, como sempre, fui enrolada pela vendedora. Eu sempre caía na lábria dos outros. Já era conhecida entre meus amigos como “Maria vai com as outras”, pois bastava meia dúzia de palavras para que eu comesse até merda se mandassem. O peso daquelas frutas certamente era pior que qualquer enxaqueca. Senti-me uma verdadeira salada de frutas ambulante. Além das bananas, havia abacaxis, pêssegos, laranjas e mais as maçãs, tudo natural. Mas o que mais se destacava em mim era o cheiro do abacaxi, que estava forte. E a minha maquiagem de colombina. Nunca me senti tão ridícula na vida. Pensando bem agora, será que eu agüentaria passar a noite toda com aquele peso na cabeça? Já estava me arrependendo de ter feito a aposta, quando eles apareceram, já rindo da minha cara assim que entraram no saguão.

– Que merda! Maldita hora que fiz essa aposta. To me sentindo ridícula – esbravejei irritada.

– Ha, ha, ha, ha... que é isso agora? Pirou? A idéia é se sentir ridículo. Lembra? E a propósito, é você quem vai pagar os ingressos. Sua fantasia foi eleita a vencedora, não é pessoal? – instigou o Tomate, a mais “mala” do grupo. Todos concordaram.

– Ora, ora... Pense pelo lado bom: se a gente ficar com fome, atacamos sua cabeça! Ha, ha, ha... – exclamou a Siamesa, a mais atirada da galera.

– Tá bom, tá bom. Eu pago. Mas não tá na hora ainda. Temos meia hora. Vamos até o bar tomar uma cachaça para eu me animar.

Todos riam de mim. Eu merecia. Como fui burra. Tinha

tantas fantasias... Odalisca, cigana, até enfermeira era melhor que isso... Meus olhos estavam cheios de lágrimas de tanta vergonha. Mas não ia deixar que eles percebessem. Na ânsia de esquecer minhas lástimas, depois de uns três copos de cachaça, já me sentindo um pouco mais animada e aérea, me levantei para ir até o banheiro. Enquanto me encaminhava para lá, um funcionário me abordou, dizendo que estava com “fome” e que me ofereceria uma taça de vinho doce, sanguíneo e inebriante para combinar com as frutas. “Cortesia da casa”, disse e sorriu, lançando-me um olhar malicioso. “Pronta para o baile de hoje à noite?”, perguntou-me após alguns segundos. Levantei os olhos e, provavelmente por influência da uva fermentada, esbarrei em um sorriso maravilhosamente sedutor. “Sim, hic, acho que agora estou. Desculpe” – respondi sem me importar com aquele soluço involuntário que escapou dos meus lábios. “É... acho que está mesmo”, segredou ele ao meu ouvido, o cheiro de seu hálito mais parecendo uma brisa marinha. “Mas acho que tenho a fantasia perfeita para você”. Perfeito ou não, aquele comentário malicioso sobre a fantasia, muito me agradou. Fosse como fosse, após cinco anos de separação, aquela era a primeira vez que um homem demonstrava interesse por mim. A bem da verdade, não passava de um sujeito boçal, mas isso não fazia diferença, quando o intuito era despertar algo que, já há muito, havia desfalecido. Constrangida e ao mesmo tempo excitada, deixei que ele pousasse suas mãos grossas e firmes em minha cintura e seguimos para o jardim. Ele fugia do trabalho, e eu, de minhas inóspitas carências. No estado ligeiramente alterado em que me encontrava um ser grosso e vulgar até que ia bem. Uma de minhas fantasias prediletas sempre fora com os peões de Barretos. Aquele cheiro de cavalo, de touro enfurecido, a barba por fazer, os músculos... Nossa! Era tudo o que eu precisava naquela

hora, já sentindo a umidade libertina entre minhas pernas. Em meio a rosas e cactos, nos amarfanhamos naquele parco jardim do Éden. Ele cheirava a suor e gordura e eu exalava o cheiro do abacaxi. Realmente, eu estava precisando mesmo daquilo, de um homem de verdade, másculo, forte, dominador. Estava cansado de falsas promessas de virilidade, meu ex-marido deixara muito a desejar em termos de masculinidade. Queria ser amado vulgarmente ali naquele local, no meio daquele povo interiorano, sem maiores delongas, ser penetrada com fúria e avidez de animal no cio. Afinal era carnaval, portanto só havia lugar para o prazer, para a satisfação da luxúria, do desejo, dos instintos. Naquela hora esqueci tudo. Amigos, baile, fantasia. Nada mais me importava. Não fosse minha fome de sexo, passaria despercebido. Os dedos dele trabalhavam com extrema perícia e destreza. Era um. Eram dois. Eram três... Na frente, atrás, entrando, saindo, voltando. Hum... Ai... Aquilo estava me deixando doida. Não agüentava mais de tanto tesão e não via a hora da posse completa, irrestrita e animal, ali no meio daquela festa pagã. Esperava ansiosa pelo momento em que ele substituísse seus dedos tão ágeis e experientes pelo membro duro e viril feito rocha, quando subitamente ele parou tudo e me deixando na mais completa excitação, disse um tanto estranho:

- Preciso te falar uma coisa.
- Agora? Não pode ser depois? – indaguei contrariada, deslizando minhas mãos em seu peito cabeludo.
- Agora. Tenho que dizer logo antes que... Sou gay.
- O que você disse?
- GAY... Sou GAY!
- Gay? Que palhaçada é essa agora? Você só pode tá brincando...

– Não linda... Sou gay. E com muito orgulho. Há trinta anos.

– Mas por quê?

– Porque gosto de homem... Gosto de um corpo másculo e viril me alisando à noite, me dando prazer, me fazendo feliz.

– Não. Definitivamente estou no meu inferno astral. Cacete! Por que me trouxe aqui, então?

– Por que adorei sua fantasia de Carmem Miranda... Queria para mim. Pensei que se te proporcionasse alguns momentos de felicidade, talvez você pudesse me dar a fantasia em agradecimento. Quero usá-la para realizar uma tara do meu bofe.

Fiquei muda. Nunca pensei que passaria por isso um dia. Meus amigos já deviam estar à minha procura, preocupados com meu sumiço repentino. Além disso, ainda havia o baile. Sem pensar direito, no calor da minha excitação gritei, implorei:

– Rápido, as bananas. Use as bananas. Amanhã passo aqui de novo e te dou a fantasia.

Fim

Mãos Limpas

contos
Me Morte



(Mão Branca e Me Morte)

O vestido fino cobria quase toda a pele, revelando apenas as formas sensuais. Ela consultou o bilhete e procurou o nome da rua, seus movimentos eram como o de uma deusa grega posando para o artista que a eternizaria como a mais perfeita figura humana feminina. E como era feminina! A tez clara, corada, contrastava com os longos cabelos ruivos escuros, meio cacheados, que balançavam com o movimento. Os ombros retos, arredondados, sobre os grandes seios arrebitados, desafiando a gravidade, cheios como melões maduros. Na fina cintura via-se o umbigo – o vestido era em duas peças – , pequeno e apertadinho. Alguns rapazes imaginavam se o que vinha logo abaixo não teria a mesma aparência. O quadril redondo era adornado por um bumbum cheio, gracioso e lisinho.

*Sou fogo
Dou jogo
Cadela de raça!
Me quer
Teu gozo
Cheiro de cachaça!
Decida
Me quer lânguida
Ou lambida?
Devassa
Ou de virgem
Andar e graça?*

Paulo ficou boquiaberto, nunca vira mulher tão linda! E gostosa! Não era como essas malhadas de academia, era uma mulher natural, livre de amarras. Seguiu-a com os olhos. Ela o mirou e empurrou o próprio queixo, sorrindo, mostrando-o que ele agia como um pateta. Paulo ficou envergonhado. A mulher desceu a rua e ele pensou em segui-la, mas não saberia o que dizer. De repente, ela se virou e voltou direto para ele. – Sabe onde fica a rua sete? – Uma voz impostada, como a de uma garota de telemarketing. Pensou nela gemendo em seu ouvido e quase gemeu também. – Ah? – Foi o que conseguiu responder, hipnotizado pelos grandes olhos verdes que emolduravam um pequeno e reto nariz. A boca, ah, carnuda, desenhada na pele, sorrindo como um raio de sol. – Pode me mostrar? – Ela sabia o efeito que tinha sobre os homens. E aquele nem era de se dispensar: em forma, grandalhão, um tanto cabeçudo mas até bonito. – Ah... Hã? – Sentiu-se feliz por dobrar seu vocabulário. Foi atrás dela, indicando as ruas e sorrindo, ainda de boca aberta. Ela mostrou o endereço e explicou que precisava resolver um problema. Paulo pensava no suave perfume de flores do campo que exalava do atraente pescoço da mulher. – É ali. – Falou Paulo, despregando os olhos dela apenas por alguns segundos. – Você pode me acompanhar? – Ela pediu com um suave sorriso, quase suplicante. Como poderia ele recusar se já estava enfeitiçado? – É a casa do meu padrasto, ele é um pouco violento. – Abaixou os olhos, como se rememorasse fatos tristes. Paulo teve vontade de arrebentar a porta com um chute e quebrar tudo lá dentro. – Eu te protejo! – Falou triunfante, pois sabia que seu tamanho assustava os adversários e atraía as pequenas. Ela sorriu, agradecida, e ele quase fechou os olhos para gravar em sua mente aquela expressão. Na porta da casa, ela disse: – Entre comigo. Tenho que apanhar uns documentos, – Baixou os olhos.

– mas tenho medo dele. – Parou de falar e duas lágrimas rolaram. Paulo sentiu uma vontade louca de consolá-la e a abraçou. – Não chore, por favor. – Puxou-a para si e de leve secou seu rosto. A moça aninhou-se em seu pescoço. Paulo estava perplexo! A excitação que esse contato lhe causou foi enorme. Sentiu todos seus poros suando, coração acelerado, membro enrijecendo. (Que crápula eu sou!) Sua consciência pesava. Ela, ali, enroscada nele, chorando, e ele sentindo seu corpo quente, desejando possuí-la. Apertou-a contra si e sem querer, gemeu baixinho. Percebendo a excitação, a moça ergueu os olhos. – Perdão, deve estar me achando uma boba. – Tentou se afastar, mas Paulo a segurou. – Fica. – Foi o que conseguiu pronunciar. – Venha. – Ela pegou sua mão e dirigiu-se à porta lateral.

*Te vi ali...
Um desejo na pele,
Teu corpo, desejo e ruína
Te sentir!
Poder tocar
Em tuas formas!
Ser eu e me perder!
Te querer
Te ter!
Tô com fome de ti!
Se toco alucino!
Como meio menino...
Felina, fêmea, mulher
Minha febre!
Te olhei assim!
E molhado, suado!
Imaginei teus seios
E tua vontade!
Me fartar!*

Assim que entraram na casa, Paulo a puxou para si e gentilmente afagou seus cabelos. – Ainda não sei seu nome... – Manuela. Mas me chamam de Manu. E você? – Paulo, ao seu dispor. – Não quis ser formal, mas ficava mais atrapalhado a cada minuto. – Fique aqui, Paulo. Vou ver se meu padrasto está em casa. – Paulo sentou-se no sofá. Alguns minutos depois Manu apareceu vestida com um fino roupão de seda. – Desculpe, eu sentia calor. – Paulo não conseguia tirar os olhos daquelas formas voluptuosas. – Você é linda! – Aproximou-se e a puxou para si. – Por favor, – Ela virou o rosto. – Não quero que pense mal de mim. – Mal? Por que? – Ele notou o brilho que surgira nos olhos da garota eram de desejo. Apertou mais o corpo contra si. – Você é linda! Eu sinto uma coisa... Nunca senti tanto desejo por uma mulher antes. – Sua boca procurou aqueles lábios carnudos e se beijaram selvagememente, suas línguas num balé frenético. Ergueu de leve o roupão e Manuela gemeu. Era o sinal verde! Arrancou a camisa enquanto sentia as mãos finas da garota abrindo seu zíper da calça. – Linda, eu te quero! Roupas espalhadas pelo chão. Paulo levantou Manuela nos braços e foi à procura de um quarto. – Tem certeza de que estamos a sós? – Sim, querido! Estamos sós! – Deitou a moça na cama e admirou suas formas perfeitas, era uma linda mulher. Começou a beijá-la, sôfrego, primeiro os pés, lambendo os dedinhos, foi subindo pelas coxas firmes, sentindo uma vontade enorme de saborear seu sexo. Manuela estava entregue, seus gemidos inebriavam Paulo. Ele passou a ponta da língua úmida no clitóris e, lentamente, abocanhou a vagina como quem se farta com o mais doce mel. Acariciou os seios sem parar de lambe aqueles deleitosos lábios. Manu revirava os olhos e abria mais os joelhos, esperando sentir cada vez mais fundo aquele homem. Foi a gota d'água. Paulo subiu sobre ela como um cão no cio possuído

de desejo, beijando-lhe a barriga, os seios, queria sentir cada vez mais o sabor da garota. – Espera, quero sentir seu gosto também! – Manuela o devorou com a boca carnuda. Era uma fêmea voraz. Beijava e sugava com tenacidade, ele não resistiria muito tempo. Ela subia a língua úmida até o umbigo, brincava com as bolas, molhava os lábios sorrindo e voltava ao ataque, com a ponta da língua na glândula, fazendo rápidos movimentos circulares, alguns beijinhos. Sabia que ele estava entregue. Ela foi perfeita! Paulo não segurou mais o gozo, era um sonho! Nunca teve um sexo oral tão bom. Sentiu tontura quando ela sugou tudo, sem frescura, uma fêmea verdadeira, como ele sempre imaginou nas suas fantasias mais loucas. Passaram a noite ali, sem pudores, ela inteirinha sua. Sonhos se perdem

*Se a imaginação os espera...
Um alvo na cama, estirado.
Um teto solar entreaberto
Refletindo indícios claros
De que vai amanhecer!
E o corpo nu apagado
Cobre os olhos desnudos
Dos pêlos a um desejo absurdo
De absorver, tomar, comer,
Antes que a consciência retorne...
Beijos ressequidos, breves,
Dos pés à cabeça, uma sede louca
Tomando o que a mim foi ofertado
Pôr te ver ali, adormecido
Para meu gozo e meu prazer!
Sugo mil cálices em teu contorno
E enquanto não te seco total*

*E depravadamente, não largo.
Sem deixar vestígios, serro de vez
Os lábios, numa insensatez...
Tomei tua essência, roubei-te.
E de tuas forças alimentei-me
Caiu prostrado nos panos brancos
Enquanto fugi de volta à vida
Na espera de teus agradosa*

Paulo chegou a adormecer. Quando despertou viu os primeiros raios de sol pela fresta da janela. Deu um salto, não sabia onde estava. Logo a lembrança voltou e procurou pela moça. Estava perplexo! Tinha que conversar. Não podia perder essa mulher de vista. Era perfeita demais! Jeito de criança indefesa contrastando com o de uma putinha safada na cama. Ouviu vozes que vinham da cozinha. Eram gritos! Alguns barulhos, coisas se quebrando. Assustou-se. Saiu rapidamente do quarto em busca de sua amada. – Paulo, – Um grito: – SOCORRO! – Era ela. Ele correu para a sala e a encontrou descabelada, o vestido rasgado revelando a brancura do seio. O rosto vermelho, parecia que chorava. – Me salve. – Apontou para o homem do outro lado. Magro, meio calvo, usava terno e parecia bravo. – Só você pode me ajudar. Avançou sobre o homem como um touro, o vermelho da irritação dificultando sua visão e fazendo-o desejar apenas um objetivo: aniquilar quem ameaçava a garota. Jogou um cruzado com a direita, mas o homem de terno se abaixou. Tentou um soco de esquerda, mas também errou. Sem titubear, agarrou o adversário pela cintura e tentou derrubá-lo. Com uma agilidade surpreendente, principalmente por causa do terno, o outro se safou e foi se refugiar atrás de uma grande mesa de jantar. Irritado pela fuga do adversário, pois queria mostrar à mulher sua força e habilidade, o grandalhão correu para

atacá-lo novamente, mas o outro fugia pelos lados da mesa, tornando a situação um pouco ridícula. – Tome. – Ela gritou e jogou um objeto ao seu salvador. Paulo viu em suas mãos um revólver preto de cano curto. Nunca havia atirado, mas sabia que era só apontar e apertar. – Parado! – Gritou para o magro que fugia. A arma queimava em suas mãos. O careca levantou os braços, uma expressão de espanto na face. Paulo quase sorriu, havia controlado a situação. A mulher ficaria muito agradecida. Ela andou até Paulo, as ancas girando ao redor do corpo, os cabelos cobrindo a parte desnuda do seio. – Você me salvou. – O hálito quente, doce, embriagou os pensamentos de Paulo. O aroma daquela mulher o viciava.

E agora? Que nós estamos aqui, Desejo e ternura Um gosto que dura Uma eternidade! Um gozo contido Lascivo, libido Senhora de minhas vontades!

Ela contornou a mesa e aproximou-se do homem de terno. Paulo aproveitou para apreciar sua bunda. Manu olhou-o sorrindo com escárnio nos lábios avermelhados. Apoiou os dois braços no peito do homem e soltou as pernas, prendendo-se nele para não cair. – Não! – Gritou, fingindo que era atacada. – Não faça isso, por favor. – Gemeu e atirou-se ao solo. Paulo apertou o gatilho três vezes. Os projéteis acertaram o peito do homem careca, ainda estático pela atitude da mulher. Despencou para trás e permaneceu do jeito que caiu. – Você me salvou. – Disse novamente a mulher. – Me ajude. – Esticou as mãos e ele a levantou do solo. – Meu herói. – Sussurrou. Ele ainda estava aturdido, porém a calma da mulher o controlou. – Esse sacana – apontou o cadáver – era um homem muito mal, não se preocupe. – Chegou o rosto para perto de Paulo. – Agora esta tudo bem, amor. Beijou-o levemente. – Espere um pouco. – Falou de súbito. Beijou-o mais uma vez, pegou

sua bolsa e saiu rumo ao quarto. – Vou me arrumar. Quinze minutos depois Paulo começou a estranhar a demora da garota. Procurava-a no quarto quando foi surpreendido por dois policiais que entraram de supetão. – Parado aí! Mãos na cabeça! - Tinham revólveres e apontavam para ele. – O que houve? – Estava assustado e sincero, nem lembrava do corpo na sala. – Esse revólver é seu? – Perguntou um dos policiais. Viu a arma que ainda estava na cabeceira da cama, exatamente onde a colocara. – Sim, ou melhor, não. É da mulher... – Como iria explicar? - Que mulher? – Olharam em volta... – Manuela, deve estar no banheiro. – Revistaram tudo e nada da garota. – Tinha uma mulher comigo! O homem na sala era seu padrasto. Foi arrastado para a sala, onde outros policiais cercavam o corpo do careca e o cutucavam com o pé, para assegurar a mortalidade. – Qual o sobrenome da mulher? – Perguntou o policial. Acertou um cascudo em Paulo para chacoalhar sua memória. – Eu não sei. Conheci ontem. – Confessou. E foi a única coisa que esclareceu com clareza, pois não conseguia explicar o porquê de matar aquele velho policial, corrupto, que era odiado e temido pelos colegas. – Será que é a mesma mulher que ligou para a delegacia? – Perguntou o policial que segurava as algemas. – Talvez... – Respondeu o delegado, relembando.

Da suave voz de operadora de telemarketing que o informou por telefone que um idiota havia matado o José Roberto, o cadáver no chão, e que ainda estava na casa. – Algeme o elemento! – Levaram Paulo para a delegacia. Estava perdido! Quem iria acreditar nele? No prédio da esquina, olhando por uma janela os carros da polícia em frente à casa do policial assassinado, a ruiva acendeu um baseado e tragou fundo. Lembrou-se de quando o policial quis trepar com ela como pagamento por recuperar sua BMW roubada. Quantas pessoas o sacana não havia

abusado através do poder do seu distintivo? Não importa, ele não faria mais isso.

*Você que diz-se meu amigo
Amigo incondicional
De todas as horas
Me beija se choro
Me abraça se beijo
Se aproveita
Me deita
Me possui...
Um conluio
De dias...
Amor,
Mata meus inimigos pra mim?.*

Fim





Provocava todos a sua volta. Roupas coladas, saia minúscula, olhares fatais. A boca carnuda, sempre molhada pela língua num ritual de sedução. O rebolado, seios de bicos rijos... Quando tomavam coragem numa abordagem mais direta:

– Vai para o inferno! Não sou pro teu bico! Fora daqui! Sempre na mesma rua, Avenida dos Imigrantes sentido centro. Fazia de propósito. Parece que queria brincar com os homens que ali passavam. Até que um dia, cansados de tanta humilhação, os operários da construção decidiram: iriam estuprar aquela gostosa. Era cinco da tarde. Encerraram seus afazeres mais cedo e ficaram de tocaia. A moça costumava passar pouco antes das seis. Enquanto um tapava sua boca, outro a arrastava pelos cabelos e o outro abria a porta da frente. Pegaram à moça dos modos mais bizarros. Ela gostava de humilhar, ia ver. Era penetrada ora por um, ora por outro. Não resistiu, foi sodomizada sem reclamar. Aceitou sexo oral, até engoliu todo sêmen. Fizeram fila, revezaram se fartaram. E no final, disseram:

– Pode provocar agora. Essa bundinha já foi minha. Essa boquinha, esse par de seios, todinho garota. Fez por merecer. Não diz nada?

A moça tentava limpar os vestígios de sangue misturados à esperma de sua pele branca. Pegou a bolsa, tirou um celular, discou rapidamente e disse:

– Pode vir me buscar agora. Na construção em frente ao carro.

- Merda! Vamos sair daqui...
- É tarde... Falou em meio a uma gargalhada.
- Quem é você? Da polícia?

Dois sujeitos brutamontes adentraram o recinto armados até os dentes. – Teu pai te esfolia menina. Outra vez essa tua tara por estupro?

- Tenho culpa? Adoro.

Em meio às gargalhadas disse:

- Depois... São só operários. Menos três trouxas no mundo. Antes de sair, voltou-se e disse:

- Prazer. Sou Maria Fernanda. A filha do “Fernandinho Beira Mar”.

Fim

Uma Bela e Tenra Espiga de Milho Cozida

contos
Me Morte



Eu disse para você o quanto amo uma boa espiga de milho! Na forma de um bolo crocante, um mingau, vulgo Curau, como chamam em Minas Gerais ou assada direta no fogo. Hum... Deliciosa! Mas nenhuma das formas se compara a uma boa espiga de milho cozida na água e sal. Você a abocanha, crava seus dentes e arranca grão por grão, no final dá uma bela chupada na espiga e vem aquele caldinho saboroso. Só de descrever sinto a boca cheia de água! Eu perco minha cabeça quando devoro um milho assim! Avisei você, não foi? Não tens o direito de morrer agora se esvaindo em sangue! Sabias que eu odiava sexo oral. Então por que, cargas d'água, foi dizer:

– Imagine uma bela e tenra espiga de milho cozida!?

Sobre a Autora:

Me Morte: Este é o pseudônimo dessa gaúcha dos pampas.

Neta de italianos e espanhóis. Não deixou que o fato de ter nascido em família pobre lhe impedisse de sonhar - já aos cinco anos - em se tornar uma escritora.

Poetisa gótica há dois anos, enveredou pelos caminhos do erotismo, estilo que já se tornou sua marca registrada.

Poesia era sua vida até conhecer um poderoso traficante de contos de Brasília: Mão Branca. Foi ele que à levou pelo "beco" obscuro da fantasia literária em prosa. Viciou literalmente e recusa tratamento.

Arrojada, misteriosa e passional, consegue passar aos seus escritos todas as suas características pessoais.

Ou seja, se quiser conhecê-la de verdade, basta ler sua deliciosa produção. Incansável em seu belíssimo trabalho social (paralelo às letras no Orkut), a Me denuncia crimes como: pedofilia, trabalho infantil, racismo, etc.

Trabalha também na busca de pessoas desaparecidas, divulgando informações e fotos pela internet.

Também no Orkut, é moderadora do Vale das Sombras, comunidade onde realiza Concursos de poesias Góticas periodicamente.



Onde encontrá-la:

Instinto

www.memorteme.blogspot.com

Vale das Sombras Blog

www.memorte.blogspot.com

Me Morte... Inventando Histórias

www.memortemari.blogspot.com

Vale das Sombras (comunidade do orkut)

<http://www.orkut.com/>

[Community.aspx?cmm=8910225](http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8910225)

Bar do escritor

<http://www.bardoescritor.net/>